

A profissionalização de Maria Eugenia de Carvalho Marchesini Santos: Da Faculdade Nacional de Filosofia à Companhia de Pesquisa e Recursos Minerais

Diogo Jorge de Melo

Resumo

O artigo consiste na apresentação e análise da trajetória profissional de Maria Eugenia de Carvalho Marchesini Santos (1932), uma cientista formada na década de 1950 em História Natural na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. Marcou sua carreira nas Geociências, principalmente em Paleontologia de Invertebrados Fósseis, Estratigrafia e Paleogeografia. O trabalho possui bases nos Estudos Sociais das Ciências nas perspectivas dos Estudos de Gênero e História das Mulheres, na História Oral e Memória Social, sendo a principal fonte histórica duas entrevistas realizadas com a cientista. Sabe-se que ela atuou em duas instituições que tiveram papel importante na História da Ciência no Brasil; primordialmente, no Departamento Nacional da Produção Mineral (DNPM), na década de 1950, e, posteriormente, na década de 1970, na Companhia de Pesquisa e Recursos Minerais (CPRM). Referidas instituições que marcaram sua trajetória como pesquisadora, pois, na primeira, atuou com pesquisas vinculadas à sistemática de invertebrados fósseis e, na segunda, com pesquisas de cunho mais aplicado. Em uma terceira fase, no final de sua carreira, quando realizou seu mestrado e doutorado, retomou suas pesquisas paleontológicas, desenvolvendo uma metodologia de análise de bacias sedimentares. Desta forma, sua trajetória profissional acaba por demonstrar um pouco da realidade de mulheres na Ciência na segunda metade do século vinte, período em que ocorreu um aumento da inserção destas profissionais em campos de trabalho mais qualificados. Neste sentido, o trabalho busca dar voz e visibilidade histórica para a atuação das mulheres na Ciência, principalmente nas Geociências.

Palavras-chave: Trajetória Profissional; Paleontologia; História da Ciência; História das Mulheres.

Abstract

The article consists in the presentation and analysis of Maria Eugenia de Carvalho Marchesini Santos (1932) professional career, a scientist formed in the 1950s in Natural History at the "Faculdade Nacional de Filosofia" of the "Universidade do Brasil". She consolidated her career in geosciences, particularly in Paleontology Invertebrate Fossils, Stratigraphy and Paleogeography. The work was based on Social Studies of Science from the perspectives of Gender Studies and History of Women in Oral History and Social Memory. Two interviews conducted the main historical source with scientist. Know she acted in two institutions that played an important part in history of science in Brazil. Primordially in the "Departamento Nacional da Produção Mineral" (DNPM), in 1950s, and later in 1970s the "Companhia de Pesquisa e Recursos Minerais" (CPRM). Both institutions that have marked her career as a researcher. First she worked with the systematic research of fossil invertebrates and in the second, with applied research. In the third phase, at the end of her career, when she realized her masters in science and doctorate. She resumed her paleontological research, developing a methodology of sedimentary basins. Thus, her career turns out to demonstrate some of the women of reality in science in the second half of the twentieth century. This Period was an increase of insertion of these professionals in more skilled work. In this sense, the work seeks to give voice and visibility to the historical action of women in science, especially in Geosciences.

Keywords: Professional Career; Paleontology; History of Science; Women History.

INTRODUÇÃO

Este trabalho consiste em uma análise da trajetória profissional de Maria Eugenia de Carvalho Marchesini Santos (1932), uma geocientista graduada em Ciências Naturais pela Faculdade Nacional de Filosofia que iniciou sua vida profissional no Departamento Nacional da Produção Mineral (DNPM) na

década de 1950 e, posteriormente, na Companhia de Pesquisa e Recursos Minerais (CPRM) a partir da década de 1970.

Sua atuação profissional e carreira foram percorridas por uma estruturação científica que permitiu a consolidação de pesquisas de base e aplicada; tais pesquisas contribuíram para as Geociências, principalmente Paleontologia, Geologia, Paleogeografia e Estratigrafia.

A partir do levantamento da estruturação e desenvolvimento das geociências no Brasil, destaca-se o pioneirismo da carreira de Maria Eugenia nas Geociências no Brasil. Pode ser entendido como um marco da atuação feminina neste contexto científico e, conseqüentemente, sua história auxiliou o entendimento da mulher cientista da segunda metade do século XX.

Nesse sentido, cabe destacar que a Faculdade Nacional de Filosofia, onde se graduou em História Natural, era uma instituição voltada para a formação docente e que favoreceu a inserção das mulheres no mundo acadêmico, que se tornaram não apenas professoras, mas pesquisadoras.

Assim, a sua trajetória nos apresenta uma realidade de vida que não se voltou à docência, e sim, seguiu um caminho diferenciado, atuando como pesquisadora e “tecnologista” em diversos projetos de desenvolvimento geocientífico de base e aplicado, como pesquisas em Paleontologia, com ouro, Geologia Marinha e paleogeografia de carvão.

Desta forma, sua carreira nos demonstra aberturas e transformações sociais ocorridas em instituições de cunho científico. Por exemplo, indiretamente, aponta a importância do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) para inserção das mulheres em espaços de ciências por ter apoiado, mesmo que ainda de maneira simplória, com bolsas de pesquisa, o trabalho das mulheres em pesquisas científicas. É sabido que diversas mulheres tiveram bolsas de apoio à pesquisa, como no próprio caso de Maria Eugenia; isso permitiu que essas mulheres pioneiras construíssem vínculos com instituições e pesquisadores da época.

Cabe destacar que esse trabalho é o resultado de dados levantados para o desenvolvimento de uma tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ensino e História de Ciências da Terra da Universidade Estadual de Campinas. Tese que apresenta cientistas ligadas às geociências no Rio de Janeiro que estiveram vinculadas principalmente à Seção de Paleontologia do Departamento Nacional da Produção Mineral (DNPM) e, mais tarde, devido à criação da Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais (CPRM), passaram a atuar neste órgão federal.

As principais fontes históricas deste trabalho foram duas entrevistas realizadas com Maria Eugenia, nos dias 27 de janeiro de 2012 e 24 de janeiro de 2013, ambas em sua residência. As bases teórica e metodológica do trabalho foram desenvolvidas com os seguintes autores: aspectos da História

Oral (Meihy & Holanda¹); da Memória Social (Pollak²; Pomiam³); análise de métodos quantitativos (Gibbs⁴); e os Estudos Sociais da Ciência nas perspectivas dos Estudos de Gênero e História das Mulheres (Fox Keller⁵; Pestre⁶; Lopes⁷; Gonçalves⁸; e Kuhn⁹).

Desta forma, nossa abordagem pode ser situada no âmbito da História oral temática e complementada com as bases da História da Ciência em uma perspectiva de análise com viés histórico e social, apontando questões de gênero e mulheres na Ciência.

PRELÚDIOS DE UMA VIDA NA CIÊNCIA

Maria Eugenia é carioca, nascida no bairro de Anchieta no dia 06 de março de 1932 e foi criada em São Cristóvão (bairro do subúrbio do Rio de Janeiro). Na localidade são encontradas diversas instituições de afinidades com a Ciência, como o Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, o Museu de Astronomia e Ciências Afins e o Zoológico do Rio de Janeiro (Fundação Rio Zoo).

Conseqüentemente, teve contato com as Ciências Naturais em decorrência das visitas realizadas ao Museu Nacional. Em suas entrevistas, além de revelar afinidade com a instituição, mencionou que seu grande deslumbramento para com essa área do conhecimento ocorreu por causa de seu pai, Joaquim Gomes de Carvalho, que era militar e a levou ainda criança para o Mato Grosso:

... me levou no Pantanal Mato-grossense, quando eu tinha 6 anos e ali ele me fez naturalista... Ali que aprendi as coisas da natureza. Eu ficava horas vendo as formigas. Tinha tudo! Uma vez uma onça avançou na minha irmã. Ela estava presa, porque tinham capturado a onça, e ela avançou na minha irmã. Veio um soldado, que se chamava Cartola e pegou a minha irmã e tirou ela da linha do bote da onça. Foi ali que eu me encantei com o Brasil.¹⁰

¹ José C. S. B. Meihy & Fabiola Holanda, *História Oral: Como Fazer, Como Pensar* (São Paulo: Ed. Contexto, 2007).

² Michael Pollak, "Memória, Esquecimento, Silêncio," *Estudos Históricos* 2, n° 3 (1989): 3-15; e Pollak, "Memória e Identidade Social," *Estudos Históricos* 5, n° 10 (1992): 200-212.

³ Krzysztof Pomiam, "Memória," in *Enciclopédia Einaudi: Sistemática*, vol. 42 (Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2000).

⁴ Graham Gibbs, *Análise de Dados Qualitativos* (Porto Alegre: Artmed, 2009).

⁵ Evelyn Fox Keller, *Reflexiones sobre gênero y ciência* (Valencia: Alfons el Magnànim, 1989); e Fox Keller, "Gender and Science: An Update," in *Secrets of Life, Secrets of Death: Essays on Language, Gender and Science*, Evelyn Fox Keller, 15-36 (New York e London: Routledge, 1992).

⁶ Dominique Pestre, "Por uma Nova História Social e Cultural das Ciências: Novas Definições, Novos Objetos, Novas Abordagens," *Cadernos IG/UNICAMP* 6, n° 1 (1996): 3-56.

⁷ Maria M. Lopes, "'Aventureiras' nas ciências: refletindo sobre gênero e história das ciências no Brasil," *Cadernos Pagu* 10 (1998): 354-368; e Lopes, "Sobre Convenções em torno de Argumento de Autoridade," *Cadernos Pagu* 27 (2006): 35-61

⁸ Andréa L. Gonçalves, *História e Gênero* (Belo Horizonte: Autêntica, 2006).

⁹ Thomas S. Kuhn, *A Estrutura das Revoluções Científicas* (São Paulo: Perspectiva, 2007).

¹⁰ Maria E. de C. M. Santos, entrevista de Diogo J. de Melo, 24 de janeiro de 2013.

A partir de suas influências paternas, cabe destacar parte da entrevista em que descreveu seu pai como “machista”, mas de uma forma diferenciada da comum, e que acabou, conseqüentemente, incentivando-a para o universo acadêmico:

Meu pai mesmo, que era um machista, que tinha um ciúme da minha mãe louco, ele me dizia que eu deveria fazer curso superior e nenhum homem deveria mandar em mim. Foi ele quem colocou na minha cabeça.¹¹

Tratou sua mãe com grande carinho, pois afirmou que a dona de casa Odete Gomes de Carvalho era a mulher mais doce e bondosa que se podia imaginar. A entrevistada também fez referência ao desejo de sua mãe para que se tornasse submissa aos homens, conforme o pequeno trecho descrito: “... a mulher mais doce, bondosa que você possa imaginar e que queria que eu fosse submissa aos homens. Se enganou!”¹².

Mencionou, ainda, que sua mãe era uma mulher de outro tempo, referindo-se ao padrão citado de submissão feminina, principalmente em relação ao trabalho doméstico. O que sugere, para ela, que a ideia de se profissionalizar nunca passou pela cabeça de sua progenitora. E que, de fato, esperava que a filha apenas tivesse um bom casamento.

Destacamos que Maria Eugenia se considerava uma jovem normal de sua época, interessada em bailes e dança, com pouco interesse pelos estudos. Sua trajetória no secundário do Colégio Brasileiro de São Cristóvão não chamou sua atenção:

É... Quando eu tinha essa idade, é outra coisa, que é a história do Rio de Janeiro. A gente tinha uns bailes que era de 17 às 21h. Então, já tinham acabado os cassinos, mas permaneceu o Cassino Atlântico e tinha umas associações, então a minha grande preocupação quando eu era adolescente, era dançar. Eu tinha uma programação e durante a semana, eu e a Léa, a gente passava o dia todo treinando os passos. Então, estudo mesmo... eu estudava para passar de ano. Eu tinha bastante distância dos estudos. Eu só me tornei estudiosa depois que eu entrei na faculdade. Quando eu mudei... eu já tinha mais de 20 anos. O colégio pode ter me influenciado porque eu acumulei conhecimento, eu acumulei informação e depois se transformou em conhecimento. As coisas que eu aprendi se transformaram em conhecimento depois que eu amadureci. Em Português, por exemplo, eu tinha um professor excelente. Aprendi a escrever, aprendi gramática, essas coisas todas.¹³

¹¹ Ibid.

¹² Ibid.

¹³ Ibid.

Mencionou não ter tido uma plena consciência no momento de ter escolhido o curso de História Natural:

...na hora de escolher o curso, eu não sei porque “cargas d’água” eu escolhi esse, eu não me lembro. Era uma coisa que eu gostava. Eu gostava de Ciências. Eu gostava da reprodução dos sapos, que é uma coisa bonita. As plantas, as flores. Flores eu sempre gostei muito, inclusive de classificação de Botânica. Mas, eu não tinha nenhum domínio sobre o que eu queria. Eu só fui descobrir isso, uma vez conversando com a Nicéia, em 1962, eu já estava formada. Foi pouco antes de eu estar grávida do meu filho, que está agora com 50 anos, foi aí que eu me toquei que foi influência daquela natureza que eu vi em Mato Grosso, principalmente. O conhecimento foi depois, nada foi antes. Eu sabia todos os passos para dançar, e só, e Graças a Deus!¹⁴

O Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro influenciou sua opção profissional:

... Eu andava à toa lá, mas gostava daquelas coisas. O Museu também está de certa forma dentro da minha vida, eu frequentei o Museu. Foi uma coisa que eu também descobri um dia vendo uma apresentação do Sérgio Alex¹⁵ num daqueles canais de TV a cabo, de números mais baixos.¹⁶

Nesse contexto prévio de sua entrada no Curso de História Natural da Faculdade Nacional de Filosofia, percebe-se que diversos fatores a conduziram para uma carreira acadêmica, rompendo com a caracterização geracional de sua mãe: sua infância e adolescência vinculadas à dualidade entre a vida no interior, o contato com a natureza, e a vida urbana dos bailes que frequentava.

FORMAÇÃO ACADÊMICA E DEPARTAMENTO NACIONAL DA PRODUÇÃO MINERAL

Eu sou formada em 1955, em bacharelado de Petrografia e Cristalografia e em 1956 em Didática, e depois eu tenho um curso de especialização em Paleontologia de Vertebrados em 1967.¹⁷

¹⁴ Ibid.

¹⁵ Professor do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, especializado em Paleontologia de vertebrados fósseis.

¹⁶ Maria E. de C. M. Santos, entrevista de Diogo J. de Melo, 24 de janeiro de 2013.

¹⁷ Maria E. de C. M. Santos, entrevista de Diogo J. de Melo, 19 de janeiro de 2010.

Toda a formação acadêmica de Maria Eugenia esteve vinculada à atual Universidade Federal do Rio de Janeiro, inclusive seu mestrado e doutorado, ambos em Geologia.

Assinalamos que a Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil foi uma das instituições que deu origem à Universidade Federal do Rio de Janeiro. Criada em 1945, a Faculdade Nacional de Filosofia surgiu no âmbito da Universidade do Brasil, junto com outros estabelecimentos de ensino e institutos científicos de pesquisa. Quando o ministro da Educação e Saúde, o professor Raul Leitão da Cunha, com o decreto-lei nº 8.393 de 17 de dezembro, concedeu autonomia administrativa, financeira e disciplinas dentre outras providências. Destacando que sua origem remonta à própria criação da Universidade do Brasil que, na lei nº 452 de 1937, determinou que a instituição deveria ser composta de 15 escolas e faculdades; listagem em que já constava a Faculdade Nacional de Filosofia, Ciências e letras.¹⁸

Até a década de 1950, poucas mulheres conquistaram títulos de ensino superior; quando o faziam, optavam por formações consideradas femininas.¹⁹ Nesse contexto, uma das funções primordiais da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil era a de formar profissionais em docência. Como consequência, foi justamente dessas instituições que saíram diversas mulheres com títulos de ensino superior, inclusive as primeiras mulheres formadas em História Natural no Rio de Janeiro.²⁰

Foi durante o curso de graduação em Ciências Naturais da Faculdade Nacional de Filosofia que o interesse de Maria Eugenia pelas Geociências, principalmente a Paleontologia (Figura 1), despertou. Como exemplo de seu interesse podem ser citadas as aulas com o Dr. Paulo Erichsen de Oliveira, professor colaborador da faculdade que, neste período, era o chefe da Seção de Paleontologia do DNPM. Outro exemplo, foi a presença do paleontólogo Friedrich Wilhelm Sommer, que já trabalhava na instituição, e foi completar sua graduação em Ciências Naturais na Faculdade Nacional de Filosofia.

Por causa do Prof. Paulo E. de Oliveira e do Friedrich W. Sommer, Maria Eugenia teve seu primeiro contato com o DNPM, pois ambos resolveram levar os alunos do Curso de História Natural para conhecerem a instituição. Experiência narrada da seguinte maneira:

Eu cheguei lá e me apaixonei por aquele prédio, pela aquela coisa grande e pensei vou trabalhar é aqui, e foi assim que até hoje eu pertenço aquele prédio. Eu pertenço

¹⁸ Maria de Lourdes de A. Fávero, *Universidade do Brasil: Das Origens à Construção* (Rio de Janeiro: UFRJ, 2010).

¹⁹ Silvia Fávero Arend, "Trabalho, Escola e Lazer," in *Nova história das Mulheres no Brasil*, org. Carla B. Pinsky & Joana M. Pedro, 65-83 (São Paulo: Contexto, 2012).

²⁰ Maria de Lourdes de A. Fávero, Maria do Carmo de L. Peixoto, & Ana Elisa G. Silva, "Professores Estrangeiros na Faculdade Nacional de Filosofia, RJ (1939-1951)," *Caderno de Pesquisa* 78 (1991): 59-71; e Simon Schwartzman, *Um espaço para Ciência: A Formação da Comunidade Científica no Brasil* (Brasília: Ministério de Ciência e Tecnologia, 2001).

ao prédio e ele pertence a mim. Sempre quis trabalhar lá e trabalhei e gostei muito de ter trabalhado, é uma relação afetiva muito forte.²¹

O DNPM é uma instituição que surgiu em 1934 em decorrência de reformulações ocorridas no Ministério da Agricultura (Decreto nº 22.338, de 11 de janeiro de 1933). Primordialmente, foram criados vários institutos de pesquisa, mas como a Diretoria Geral de Pesquisa Científica teve pouco tempo de duração, em 1934, se extinguiu em detrimento da criação do DNPM, que, por sua vez, tornou-se herdeiro do legado do Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, criado em 1907.²²



Figura 1: Alunos da Faculdade Nacional de Filosofia, 1953, em visita à Bacia de São José de Itaboraí. Da esquerda para a direita: Maria Antonieta Rodrigues (Tutuca), Dirce Lacombe, Maria Eugenia e Maria Marta Barbosa.²³

Nesse contexto, o Serviço Geológico e Mineralógico se tornou subordinado ao DNPM, período em que surgiram diversas seções na instituição, como a de Paleontologia na qual Maria Eugenia trabalhou. Desse período também remonta a ideia de criação de um museu de rochas e fósseis, isso é uma coleção que ficava em exibição, que dará origem posterior, em 1992, ao Museu de Ciências da Terra. Em 1940, o Serviço Geológico e Mineralógico passou a ser chamado de Divisão de Geologia e Mineralogia.²⁴

Ocupou o antigo Palácio dos Estados da Exposição Nacional de 1908, onde se instalou primordialmente o Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil e, posteriormente, o DNPM, na Av. Pasteur

²¹ Maria E. de C. M. Santos, entrevista de Diogo J. de Melo, 19 de janeiro de 2010.

²² Josué de C. Mendes & Setembrino Petri, *Geologia do Brasil* (Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1971).

²³ Ismar de Souza Carvalho, "Paleontologia: 50 Anos de Ensino e Pesquisa no Departamento de Geologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro," *Anuário do Instituto de Geociências – UFRJ* 30, nº 1 (2007): 30-37.

²⁴ *Ibid.*

404 na Urca. Mencionado por Maria Eugenia, tem importância histórica em si. Inclusive, foi denominado “Palácio na História Geológica Brasileira” (Figura 2 e 3) por Tosatto²⁵.

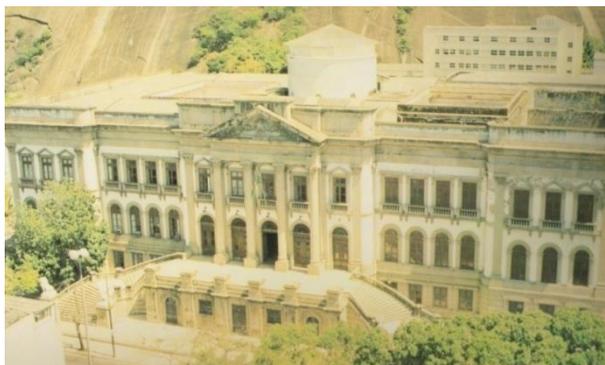


Figura 2: Edifício da Av. Pasteur 404, bairro da Urca no Rio de Janeiro, onde atualmente funciona parte do Museu de Ciências da Terra do DNPM e da CPRM.²⁶

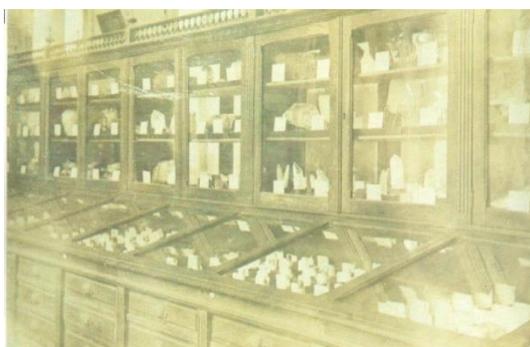


Figura 3: Imagem do Interior do edifício da Av. Pasteur 404, bairro Urca no Rio de Janeiro, onde são observadas mobiliário com vitrines onde estavam dispostos fósseis, minerais e rochas pertencente à coleção do DNPM.²⁷

Em sua segunda entrevista, Maria Eugenia comparou o Museu Nacional com o DNPM e comentou, mais uma vez, a relação entre a Faculdade e o DNPM:

...eu frequentei o Museu... Mas, a minha paixão foi o DNPM. Foi paixão à primeira vista e essa paixão foi bem mais consciente. Porque o Dr. Paulo era professor nosso. Era o Júlio e a Nicéia, e o Paulo davam aula. Ele era muito tímido, usava aparelho de surdez. Eles levaram a gente para conhecer aquela parte da frente. Pé direito de 6 metros... não era museu, era um mostruário. Esse negócio de museu foi um negócio que apareceu muito tempo depois. Era uma coleção, não era um Museu. Era uma coleção. E era uma coleção operacional, também, porque eles descreviam o material,

²⁵ Pierluigi Tosatto, *Um Palácio na História Geológica Brasileira* (Brasília: DNPM, 1997).

²⁶ Ibid.

²⁷ Ibid.

publicavam e sempre foi um trabalho extremamente orientado para a Estratigrafia, para a operação. Isso é uma característica do Serviço Geológico.²⁸

Maria Eugenia casou-se em 1954, no final de sua graduação, com Mario Marchesini Santos (falecido em 2009), um ano antes de se graduar em Ciências Naturais. Seu marido era também um profissional da área de ciências e seu casamento marcou o momento de sua inserção no mercado profissional, pois o início de sua vida conjugal ocorreu transversalmente durante a transferência de condição de aluna para profissional.

Ao falar sobre seu casamento, brincou em sua resposta:

Ah, que saco! Olha que mancha no meu currículo! Fui casada com um único homem durante 54 anos... Isso aí é uma mancha. Diferente daquelas mulheres que tinha o primeiro marido, segundo marido...²⁹

Prosseguiu a fala sobre o seu marido e companheiro, com o qual teve dois filhos, Mário Roberto e Marcelo, nascidos, respectivamente, em 1956 e 1963:

*O Mario foi o meu filósofo da ciência, pode colocar aí. Foi um parceiro que sempre participou da minha vida. Ele era formado em Física. Foi assistente do César Lattes, assistente do Plínio Sussekind de Mendonça, o Plínio. E apoiou todas as besteiras que eu queria fazer... Me ensinou que a Física é uma Ciência da Natureza, que eu achava que não era (risos).*³⁰

Assim que se formou, foi morar em São Paulo com o seu marido, mas, depois de um breve período, retornou ao Rio de Janeiro e foi procurar trabalho e entrar no mercado de trabalho.

Foi assim, eu fiz esse bacharelado com o professor Távora, que era o de cristalografia e aí eu casei, tive filho, morei em São Paulo e voltei pro Rio e fui procurar um lugar para trabalhar. O único lugar que eu fui procurar para trabalhar foi lá no DNPM. Fui falar com o Távora, aí o Távora começou a botar muita dificuldade, e achando que eu devia ter uma bolsa de iniciação. Eu já era formada, já tinha cinco anos de formada, aí eu achei que não dava. Aí eu fui lá, na sala em que a Diana Mussa, que foi minha colega de turma, estava trabalhando com o Sommer, e fui lá conversar e falei isso. Aí

²⁸ Maria E. de C. M. Santos, entrevista de Diogo J. de Melo, 24 de janeiro de 2013.

²⁹ Ibid.

³⁰ Ibid.

*o Sommer começou a me fazer perguntas, ele me fez uma entrevista sem mostrar que estava fazendo uma entrevista, aí perguntou se eu não queria trabalhar lá. Eu disse quero, eu quero sim. Aí ele foi falar com o Dr. Paulo, aí o Dr. Paulo disse: **você pode trabalhar aqui, mas eu não mexo uma palha pra você.** Eu digo, pode deixar, eu me viro, eu me viro, “**eu não mexo uma palha**”, **é bem hostil, né, todo mundo é bem hostil com você, um negócio assim bem terrível.** Então eu disse, pode deixar que eu me viro. Aí eu fui falar com o Dr. Távora, você me ajuda, ele era conselheiro do CNPq, o Távora era conselheiro do CNPq. Ele disse... mas disse que não ia botar obstáculo, aí eu fiz todos os pedidos e ele indicou o Beurlen, que era um alemão, que tinha chegado depois da guerra. Vieram dois alemães, ele, o Dr. Beurlen e o Dr. Kegel. Então você fala com Beurlen para ele te orientar, porque ele falou, **tem um grupo aqui que ninguém estuda, que eu também considero isso uma inabilidade, você dá um grupo que ninguém estuda para uma pessoa que está começando, e então tem um grupo que ninguém estuda e eu... vou te dá ele pra você porque o resto está ocupado.**”³¹*

Desta forma, sua entrada como profissional no DNPM ficou marcada por uma quebra de barreira inicial, no sentido de ter conquistado o seu espaço com algumas adversidades narradas, como a abnegação de apoio de alguns profissionais e a possibilidade de iniciar uma pesquisa ainda desconhecida e inovadora no Brasil. Com isso, entendemos o número restrito de suas produções científicas neste período, produções voltadas para sistemática de equinodermos fósseis (Tabela 1).

Por último, cabe destacar que, foi nesse período de atuação no DNPM, Maria Eugenia participou da criação da Sociedade Brasileira de Paleontologia, fato que ocorreu no Salão Nobre do DNPM. Dentre os dezesseis profissionais de diversas instituições que estiveram presentes nesse momento, apenas quatro eram mulheres: Maria Eugenia, Diana Mussa, Lélia Duarte, Maria Martha Barbosa. Todas vinculadas à Faculdade Nacional de Filosofia e DNPM (Figura 4).

Tabela 1: Produção científica de Maria Eugenia de Carvalho Marchesini Santos, da década de 1950 até a década de 1990.

Data	Trabalho	Publicação
1958	Equinoides miocênicos da Formação Pirabas	<i>Boletim da Divisão de Geologia e Mineralogia</i>
1958	Ocorrência de equinoides fósseis no Estado da Bahia: Brasil	<i>Notas Prel. e Estudos</i>
1958 Santos & Cunha	Sobre <i>Hemiaster jacksoni</i> Maury e outros equinoides do Cretácico brasileiro	<i>Boletim da Divisão de Geologia e Mineralogia</i>

³¹ Maria E. de C. M. Santos, entrevista de Diogo J. de Melo, 19 de janeiro de 2010.

Data	Trabalho	Publicação
1960	Equinóides cretácicos do Rio Grande do Norte	DNPM, <i>Notas Prel. e Estudos</i>
1960	Phymosoma parahybensis (Maury) um equinoide fóssil da Formação Itamaracá: Brasil	<i>Boletim da Divisão de Geologia e Mineralogia</i> , DNPM
1962	<i>Inoceramus</i> do Calcário Sapucari, estado de Sergipe: Brasil	<i>An. Acad. Brasil. Ciênc.</i>
1965	Histórico do Núcleo do Rio de Janeiro: Brasil	Div. Geol. Mineral
1965 Santos & Ferreira	Contribuições à paleontologia do Estado do Pará, Família Ostreidae na formação Pirabas. IX - (Mollusca -Pelecypoda)	<i>Notas Prel. e Estudos</i> , DNPM
1966	Invertebrados cretácicos do furo G-1-RN, Rio Grande do Norte.	II SIMPOSIUM SOBRE A GEOLOGIA DO NORDESTE
1971	Fração carbonática associada aos sedimentos superficiais da plataforma continental norte brasileira	Estudos sedimentológicos
1971	Operação Geomar III - Paleogeografia do Quadrilátero Superior na Plataforma Continental Norte Brasileira e Aspectos dos Recursos Minerais do Mar	CPRM
1972	Paleogeografia do quaternário superior na plataforma continental norte brasileira	XXVI CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOLOGIA
1977	Introdução à análise ambiental	Departamento de Pesquisa Mineral
1978 Santos & Nahass	Pesquisa de carvão no Rio Grande do Sul. Resultados e perspectivas	XXX CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOLOGIA
1980	<i>Seleção de áreas para pesquisas geológicas e tecnológicas de combustíveis na Região do Médio Amazonas</i>	CPRM
1980	Potencial geológico das turfeiras brasileiras. Seminário: Contribuição da geologia à busca e aproveitamento de fontes energéticas convencionais ou não	<i>Bol. Soc. Bras. Geol.</i>
1881	Sistemas deposicionais atuais: aplicações práticas	CPRM
1982	Ambiente deposicional da Formação Santana, Chapada do Araripe (PE/PI/CE)	XXXII CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOLOGIA
1985	Carvão na região de Candiota	<i>Mineração e Metalurgia</i>
1987	A Paleontologia no Rio de Janeiro / Espírito Santo: estado atual da arte	I SIMPOSIO DE GEOLOGIA RJ – ES
1989 Santos & Cassab	Stratigraphic range of Cretaceous fossils of the Potiguar Basin	Projeto 242/PICG, Cretáceo da América Latina
1989 Santos & Cassab	Stratigraphic range of cretaceous fossils of the Pernambuco-Paraíba Basin, Northeastern Brazil	Projeto 242/PICG. Cretáceo da América Latina
1991 Santos & Cruz	Paleontologia da Bacia do Parnaíba	XXII CONGRESSO BRASILEIRO DE PALEONTOLOGIA
1992	Análise de bacia e Paleobiologia. Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado	Programa de Pós-Graduação em Geologia, UFRJ

Data	Trabalho	Publicação
1992	Reconstituição do Ecossistema dos dinossauros no Triângulo Mineiro. <i>Estudos Tecnológicos</i>	<i>Acta Geologica Leopoldensia</i>
1994 Carvalho & Santos	Paleoecologia da Ictiofauna do Eocretáceo do Nordeste do Brasil.	XXXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOLOGIA
1994	Províncias biogeográficas e variação do nível do mar - Neopaleozóico da Bacia do Parnaíba.	XXXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOLOGIA
1998	Reconstituições paleobiológicas nas bacias do Parnaíba e de São Luís. Tese de Doutorado	Programa de Pós-Graduação em Geologia, UFRJ
2004	Paleontologia das bacias do Parnaíba, Grajaú e São Luís: reconstituições paleobiológicas.	CPRM
2009 Santos & Carvalho	Paleontologia das bacias do Parnaíba, Grajaú e São Luís.	Programa Geologia do Brasil, CPRM



Figura 4: Maria Eugenia de Carvalho Marchesini Santos, Rubens da Silva Santos e Lélia Duarte, no 3º Congresso Brasileiro de Paleontologia, realizado de 9 a 11 de setembro de 1965.³²

COMPANHIA DE PESQUISA E RECURSOS MINERAIS E UMA NOVA RELAÇÃO COM O MUNDO DE TRABALHO

A segunda fase da trajetória profissional de Maria Eugenia ficou marcada por transformações que ocorreram a partir da década de 1970, com a criação da CPRM, quando se tornaram nítidas as transformações de suas ações como geocientista.

Em 1969, a CPRM surgiu pelo Decreto-Lei nº 764, de 15 de agosto, que atualmente se denomina Serviço Geológico Brasileiro, demonstrando que reconheceu seu surgimento a partir do Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil e o DNPM. No entanto, foi só no ano seguinte, 1970, com o decreto nº 66.058, de 13 de janeiro, que o prédio da Av. Pasteur passou a pertencer oficialmente à CPRM.³³

³² Porto Alegre, "Sociedade Brasileira de Paleontologia 50 anos: uma homenagem aos seus fundadores," *Paleontologia em Destaque* 1, nº 1 (2009).

³³ Tosatto, *Um Palácio na História Geológica Brasileira*.

Segundo seu decreto de criação, a CPRM deveria assumir atividades de pesquisas hídricas, energéticas, estudos geológicos, de minerais, assim como processos de beneficiamento mineral. Assumindo, desta forma, atividades que antes eram desenvolvidas no DNPM e o Departamento Nacional de Águas e Energia Elétrica.

... quando a CPRM foi criada por decreto, no tempo da recessão, foi feito tudo num grande sigilo, todas as coisas eram feitas num grande sigilo. Quando elas apareciam, elas explodiam aparecidas. A CPRM já tinha sido criada e nós já pertencíamos à CPRM. Naquele tempo a gente não considerava assim, mas hoje eu já posso considerar. O bem mais precioso é o material humano e que tudo havia sido abocanhado. Uma burocracia tremenda, muito grande... Tinha ali um civil, um militar e duas secretárias, todos eles para servir cafezinho e tomar conta de um técnico. Então, precisavam de espaço e eles deram uma ordem: eu quero esse lugar amanhã! Aí, coitado do Sommer. Ele já era chefe nessa época, ele correu guardando tudo e levou lá para a Paleontologia e está lá até hoje, tudo embalado e guardado, há 40 anos, que foi feito assim, a base do choque.³⁴

No entanto, o DNPM continuou realizando diversas atividades e passou a desenvolver, ao longo dos anos, uma estrutura mais fiscalizatória do que de pesquisa. Em relação ao DNPM, no prédio da Av. Pasteur, passou a dividir o prédio com a nova instituição e, conseqüentemente, foi se desestruturando em termos de produção profissional, restando basicamente o Museu de Ciências da Terra, criado em 1992, e a Seção de Paleontologia.

Maria Eugenia trabalhou no DNPM de 1957 até 1970, sendo contratada oficialmente pela CPRM logo que a instituição foi criada. No entanto, ficou cedida e atuando no DNPM até 1972.

Aquele momento de atuação ficou fortemente marcado na produção acadêmica de Maria Eugenia, como pode ser visto na tabela 1, pois, a partir de 1970, deixou suas pesquisas com sistemática de invertebrados fósseis e se dedicou às diversas outras atividades mais aplicadas, como Paleogeografia, Geologia Marinha e Estratigrafia. Isso é percebido na narrativa abaixo:

Quando eu fui para a CPRM, eu já fazia parte de um programa que a CPRM e o DNPM estavam juntos, que era o Programa da Margem Continental, da Geologia Marinha. Eu estava na Geologia Marinha do DNPM e fui para a Geologia Marinha da CPRM e trabalhei com as mesmas coisas e com as mesmas pessoas que eu trabalhava no

³⁴ Maria E. de C. M. Santos, entrevista de Diogo J. de Melo, 19 de janeiro de 2010.

*DNPM, que era o José Carlos Carvalho, o Jorge Palma, o Carlos Alfredo Becker Amaral e o Marco Aurélio Vicalvi... na verdade é tudo sempre a mesma coisa. Então eu continuei trabalhando com eles e mais uns geólogos da CPRM, que estavam na Geologia Marinha, até o final do ano **quando os projetos de Carvão começaram a ficar mais volumosos de verba**, na CPRM, e por acaso eu tinha feito um trabalho que se chamava “**Paleogeografia da Margem Continental Brasileira**”, da Margem do Amapá, que era Quaternário. E o meu chefe, viu aquele negócio que tinha no programa e disse que aquela parte do carvão tinha que fazer Paleogeografia. Aí ele achou que eu sabia fazer Paleogeografia. Ele me chamou, no final do Congresso de Geologia lá em Belém, me despachando lá na boate Cabana... e falou pra mim: “Você vem pra cá, que a gente tá precisando de gente”. E eu fui. Eu fui pra lá, pra esse projeto de carvão e nós trabalhamos com carvão, eu e Marise Carvalho, por que depois a Marise foi pra lá, porque era um projeto grande. Trabalhamos lá até acabar o projeto. Lá nós não trabalhávamos com a Paleontologia, mas com a Estratigrafia. Passamos a fazer a estratigrafia desse projeto. A Norma criou o laboratório de Bioestratigrafia lá da CPRM e nós ficamos na parte de supervisão, interpretação, qualquer coisa assim”³⁵*

Somente no final da década de 1980, Maria Eugenia retomou estudos sobre Paleontologia, momento em que se estruturaram os seus cursos de pós-graduação *Stricto Sensu*:

*Eu só fiz mestrado no final da vida. Em 1992, uma coisa assim. A CPRM não deixava fazer mestrado. Eu era da **turma de combate**... até em ouro eu trabalhei, porque eu tinha muita habilidade administrativa e em negociação. Para resolver pepinos, então...³⁶*

Referido trecho da entrevista acaba por evidenciar a realidade mais técnica e aplicada das atividades realizadas na CPRM. Maria Eugenia consolida-se como uma profissional competente na instituição, o que a fez atuar em diversos projetos. Nesse momento, a Paleontologia tornou-se uma atividade secundária em sua vida, sendo retomada no final de sua carreira em seu mestrado e doutorado.

Momentos esses que podemos considerar decisivos para a construção de seu pensamento científico, que juntou a realidade da pesquisa de base, que exerceu no início de carreira, com as pesquisas aplicadas na CPRM, desenvolvendo, então, um sistema de integração de dados para

³⁵ Ibid.

³⁶ Maria E. de C. M. Santos, entrevista de Diogo J. de Melo, 24 de janeiro de 2013.

realização de análise de bacias sedimentares.

Primordialmente, foi teorizada em seu mestrado essa possibilidade de análise.³⁷ Em seu doutorado, realizou na prática sua proposta, analisando as bacias do Parnaíba e São Luís³⁸, dados que deram origem ao livro *Paleontologia: das bacias do Parnaíba, Grajaú e São Luís*³⁹.

Destacamos, por último, sua percepção sobre as instituições em que atuou, mostrando a relação afetiva construída com seu trabalho ao longo da vida:

Eu me sinto muito feliz de ter trabalhado na Avenida Pasteur, 404, a minha vida inteira. A CPRM, o DNPM, todos os dois são iguais para mim. Em todos os dois eu encontrei conhecimento e o acesso que eu acho fundamental para o ser humano sobreviver.⁴⁰

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória profissional de Maria Eugenia contribuiu para entender o papel e as dificuldades das mulheres na História da Ciência no Brasil. Trata-se de uma considerável contribuição para a historiografia. Assinalando, adicionalmente, que há poucos trabalhos que tomam a perspectiva de Gênero e História das Mulheres na Ciência, assim como a utilização da História Oral e da Memória Social.

Dessa maneira, este artigo apresenta uma realidade em que os cursos superiores começaram a se abrir mais amplamente para o universo feminino, o que possibilitou maior inserção, participação e atuação de mulheres em campos distintos da sociedade. Como no caso de Maria Eugenia que, apesar de ter se graduado no Curso de História Natural, área do conhecimento que, na época, possuía espaços considerados mais femininos, direcionou sua carreira para as Geociências.

Já existiam exemplos como o de Maria Eugenia, anteriores e contemporâneos a ela, como o de sua Professora Nicéa Magessi Trindade e sua colega Diana Mussa. Embora tenhamos nos dedicado à apresentação e análise da trajetória de formação e atuação profissional de Maria Eugenia, a presença da professora Nicéa e de outras mulheres nos permite identificar a atuação feminina nas Geociências, em período anterior e contemporâneo. Assim sendo, todas podem ser consideradas pioneiras nesse processo.

A trajetória profissional de Maria Eugenia pode ser subdividida em três segmentos. O primeiro, iniciado na década de 1950, abrange o período que vai de sua iniciação acadêmica, na Faculdade

³⁷ Maria E. de C. M. Santos, "Análise de Bacia e Paleobiologia" (dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1992).

³⁸ Maria E. de C. M. Santos, "Reconstituições Paleobiológicas nas Bacias do Parnaíba e São Luís" (tese de doutorado, Universidade Federal do Pará, 1998).

³⁹ Maria E. de C. M. Santos & Marise S. S. de Carvalho, *Paleontologia: das bacias do Parnaíba, Grajaú e São Luís* (Rio de Janeiro: CPRM Serviço Geológico do Brasil – DGM/DIPALE, 2009).

⁴⁰ Maria E. de C. M. Santos, entrevista de Diogo J. de Melo, 19 de janeiro de 2010.

Nacional de Filosofia, até sua atuação no DNPM, marcada por atividades de estudo sistemático de microfósseis de invertebrados marinhos.

O segundo, iniciado na década de 1970, foi marcado pela CPRM e uma profissionalização. Seu trabalho foi mais técnico e aplicado, e acompanhou diretrizes políticas da instituição, momento em que sua carreira ficou marcada por uma diversidade de ações técnico-científicas.

Por fim, o terceiro segmento se consolidou na década de 1990 com o desenvolvimento de seu mestrado e doutorado. Constituiu-se como um movimento de maturidade profissional, passando a desenvolver uma pesquisa em Paleontologia e Geologia mais complexa, em que desenvolveu um pensamento para estudos de análise de bacias sedimentares.

Dessa forma, em vista do apresentado, a vida profissional de Maria Eugenia esteve ligada à paixão pela profissão, assim como pelas instituições onde trabalhou; algo semelhante e paralelo à sua vida familiar. Podemos afirmar que conseguiu atender as expectativas de seu pai e de sua mãe e, simultaneamente, construiu uma carreira perseguindo seus próprios interesses.

Fatos similares demarcam a trajetória de muitas mulheres de sua época, que conduzem a sua vida profissional paralelamente à vida familiar e, em muitos casos, assumem jornada dupla de trabalho.

No entanto, cabe destacar que Maria Eugenia hoje pode ser entendida como uma intelectual que possui uma trajetória crítica sobre a sua vida e sua atuação profissional e que, ainda, se encontra ativa no campo da Ciência: em eventos, em premiações ou na produção de conhecimento sobre Paleontologia ou como memorialista da Ciência.

Finalizando, estudos desta natureza acabam por valorizar e viabilizar as contribuições das mulheres na Ciência, pois muitas são esquecidas e colocadas de lado em relação aos seus colegas. Demonstra, também, que as memórias do século vinte, ou de uma dita “História do Tempo Presente”, ainda estão vivas e devem ser recuperadas com estudos dessa natureza. Embora o distanciamento histórico seja curto, a valoração desses fatos históricos é significativa para o entendimento dos quadros pretérito e futuro da Ciência no país.

SOBRE O AUTOR:

Diogo Jorge de Melo

Universidade Federal do Pará

Artigo recebido em 30 de abril de 2015
Aceito para publicação em 30 de junho de 2015